

LENDO MINHA VIDA, CONTANDO MINHA HISTÓRIA: O CENÁRIO ATUAL DA MULHER RIBEIRINHA

CRIZEIDE MIRANDA FREIRE (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB).

Resumo

O presente texto aborda questões relacionadas às histórias de leitura das mulheres ribeirinhas de Xique–Xique, buscando apreender através desse gênero traços do ambiente cultural, bem como aspectos relacionados às identidades que circulam nas classes que essas mulheres frequentam. Cada sujeito é um universo próprio, sua história de vida é o elemento com o qual ele se significa ao mesmo tempo em que significa o mundo em que vive. O contato mais direto com a leitura possibilitou a esse sujeito–leitor, as mulheres ribeirinhas, confrontar seu conhecimento de mundo com os novos saberes, através de uma interação dialética, promovendo a construção e reconstrução de si mesmo e do outro. No cenário em que hoje as mulheres ribeirinhas se localizam, no seu papel enquanto mãe, tecedora de rede, pescadora, se reconstituem no movimento elástico que se inaugura com suas novas vivências, a partir de sua relação com o mundo grafocêntrico, tornando seu percurso fluido e não mais estático, imutável, redimensionando assim a relação histórica de discriminação na educação feminina com suas identidades “congeladas” sob padrões machistas e conferindo–lhes autonomia para galgarem novos espaços na sociedade. Dessa forma, ao narrarem a sua própria história de leitura as mulheres ribeirinhas elaboram seu auto–retrato, constroem imagens próprias, se colocam diante de si e diante do mundo enquanto sujeitos situados em seu tempo e espaço, numa reconstrução identitária.

Palavras-chave:

Gênero, Leitura, Exclusão.

INTRODUÇÃO

O texto apresenta reflexões iniciais acerca de uma pesquisa de Mestrado em Educação na Universidade do Estado da Bahia, sobre o processo de (re)construção identitária das mulheres ribeirinhas da cidade de Xique-Xique, região banhada pelo rio São Francisco, no tocante a inserção dessas mulheres no mundo grafocêntrico e as contribuições desse processo em seu desenvolvimento sócio-cultural.

As mulheres ribeirinhas desta localidade estiveram envolvidas em alguns programas de alfabetização – Alfabetização Solidária, Pescando Letras - que buscavam diminuir o índice brasileiro de analfabetismo. No entanto, o percurso por elas percorrido tem sido bastante irregular e, em virtude desta pouca permanência no espaço escolar, acaba favorecendo a exclusão social e cultural. É notório como o processo de exclusão, seja ele educacional, social ou cultural é perverso, fazendo com que o grupo se apresente com sentimento de

inferioridade, de inadequação, de incompetência e levando muitas vezes essas pessoas a se isolarem, se retirando dos espaços públicos, para se protegerem das eventuais humilhações em decorrência da sua atual condição, neste caso, a de analfabeta.

Contudo, a discussão que se busca recortar é a luta contra a exclusão através da volta dessas mulheres à escola. Com o objetivo de se fazerem presentes em outros espaços sociais na condição de alfabetizadas, elas retratam o encontro com a leitura e a escrita e o quanto este movimento está possibilitando uma mudança identitária na maneira de se ver perante o outro.

1 O LEME CONDUZ AS MULHERES À OUTRA MARGEM DO RIO: PERCURSO HISTÓRICO

Historicamente, a Educação para homens e mulheres foi diferenciada tanto no seio familiar quanto nas instituições educacionais. O mundo do saber sempre esteve acessível aos homens desde a infância, contudo, às mulheres vinha seguido de muitas restrições que promoviam a conservação de aspectos tidos como próprios de sua natureza: temperamento subserviente, dócil, envolvimento no espaço doméstico e ações condizentes com seu aspecto de fragilidade.

A partir do século XV, torna-se mais evidente a luta das mulheres para ocupar outros espaços na sociedade e ter acesso à ciência possibilitando-lhe o estudo, ingresso efetivo no ambiente educacional. No século XVIII, esse propósito se intensifica tendo, em uma das defesas a esse direito, a justificativa de que o ser humano era constituído pelos dois sexos, tendo os dois direito à educação; a colocação da mulher em posição inferior ao homem era uma questão cultural não um aspecto de “natureza humana”, defendido por algum tempo; sendo assim, não poderia persistir.

No Brasil, a escolarização iniciou com a chegada dos jesuítas; no entanto, às mulheres cabia apenas o aprendizado das prendas domésticas, pois o que lhes era ensinado não deveria envolver atividades de grande raciocínio. Depois surgiram, de forma reduzida, as instituições para mulheres,

algumas com métodos confusos, devido à falta de professores e pouca capacitação. E, em virtude dessa inadequação, buscando redefinir e melhorar a educação feminina, nascem as Escolas Normais especializadas na formação de professores.

Embora muitas mulheres tenham conseguido adentrar no espaço escolar, sua inserção na educação cresceu no século XX atrelada a sua inclusão no mundo do trabalho. Muitas delas exerciam o trabalho doméstico e as que trabalhavam fora do espaço privado estavam vinculadas às profissões ligadas ao gênero, com uma remuneração abaixo da paga aos homens. Desta forma, a escola acaba contribuindo na reprodução das diferenças sociais entre os gêneros, na medida em que modela a mentalidade feminina, induzindo-a a escolher cursos tidos como feminizados – pediatra, ginecologista, advogada da Vara familiar, decoradora – e provocam em alguns casos um desconforto e dúvida quanto à capacidade daquelas que seguem outras especificidades, tidas na sua grande maioria como adequadas aos homens.

Na tentativa de mudar o quadro de discriminação contra a mulher as lutas feministas se intensificam e tem como uma de suas conquistas a inserção das mulheres de classes menos abastadas no aprendizado da leitura, levando-as a reivindicarem melhores condições de vida, ratificando a premissa que a educação da mulher atua como um fator de mudança social e política, colaborando para a equidade entre os gêneros.

Contudo, mesmo com a chegada de muitas mulheres na escola, concluindo o nível universitário, da ocupação não só no magistério, mas em outros setores da sociedade, da sua crescente batalha em ter em um cargo os mesmos direitos dado aos homens, é preciso continuar vigilante, colaborar efetivamente para a inserção real de outras mulheres na escola e provocar nestas um movimento de deslocamento identitário.

Tendo como uma das instâncias de poder mais significativas no mundo moderno a produção de saberes e a sua legitimação, compreendendo a necessidade de desconstruir e deslegitimar a ciência para que ela se torne legítima[1], o mesmo deve ser feito com o discurso sobre a mulher. Torna-se

imperativo rever a posição da mulher hoje na sociedade, sua crescente ocupação nas mais variadas repartições e sua contribuição efetiva para o crescimento social, econômico, político e cultural da nação.

A promoção da igualdade entre os gêneros, o fortalecimento político das mulheres colaboram efetivamente com a afirmação do seu direito à educação. Através de políticas públicas que objetivam eliminar a discriminação que sofrem, vários programas de alfabetização são implantados e a participação feminina se intensifica. Desta forma, experienciam uma nova geografia, e sendo habitantes do “líquido mundo moderno” [2] tomam este estágio como ponto de partida, como o primeiro degrau que lhe fará chegar ao topo.

Felizmente, as conquistas educacionais tornam-se crescentes no mundo atual, mas é importante salientar que, embora a discussão de gênero já se faça presente em vários espaços e a mulher esteja se apresentando como um “mosaico” [3] em nossa sociedade, é preciso garantir que este reconhecimento se expanda, não para ultrapassar o direito do outro, mas para promover a equidade entre eles.

1.1 A MULHER RIBEIRINHA NAVEGA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

O breve enredo sinaliza o percurso vivenciado pelas mulheres ribeirinhas em busca de novos espaços na sociedade contemporânea mediante sua inserção no mundo grafocêntrico. Navegando por águas escuras, percebem que sua entrada na escola as ajudará a chegar à outra margem, pintando um novo cenário fluvial, tornando-o menos opaco, dando mais nitidez às leituras que fazem de si e do outro.

As mulheres ribeirinhas que habitam as ilhas[4] que margeiam o Velho Chico enfrentam inúmeras dificuldades em decorrência da localização de suas moradias, fato esse que contribui para sua exclusão social na comunidade local. Dentre essas dificuldades promovidas pelo distanciamento entre sede e ilhas, está o acesso a diferentes tipos de trabalho (acabam tendo poucas opções de emprego) e o acesso à escola.

A maioria das mulheres ribeirinhas ocupa a profissão de doméstica, “rainha do lar”. Além desta atividade, muitas delas atuam como tecedoras de rede, artesãs, trabalham com modelagem de barro que são vendidos para complementação da renda familiar. Dentre essas guerreiras fluviais há também as que colaboram com seus parceiros durante a pesca, algumas como pescadoras, outras apenas na limpeza dos peixes.

Navegando dia a dia, acompanhando o sol escaldante próprio da região, essas mulheres seguem a vida neste curso, buscando atrelar aos trabalhos cotidianos outros empreendimentos que lhes possibilitem redimensionar sua história, favorecendo seu grupo e dando a elas, consciente ou inconscientemente, o direito de sentirem as outras identidades que se apresentam na sua figura de mulher.

Nessa conjuntura, a maneira encontrada para (re)construir suas identidades é ampliando seu universo de leitura, transformando a leitura que faz do mundo numa leitura ainda mais significativa, indo além da decodificação do sistema alfabético e numérico, gerando, a partir deste um novo olhar, uma nova interpretação da realidade e permitindo-lhe agir de forma crítica sobre ela.

Grande parte das mulheres ribeirinhas xiquexiquenses se encontrava fora do espaço escolar por anos, algumas nunca tinham freqüentado uma sala de aula, outras tiveram a oportunidade de ir à escola, mas abandonaram o curso pela necessidade de trabalhar, por imposição do parceiro, reforçando o processo de dominação masculina validado por muito tempo nessa sociedade falocêntrica.

O (re)ingresso delas na escola foi possível em virtude das políticas públicas desenvolvidas contra o analfabetismo, oferecendo programas de alfabetização temporários, isto é, com um tempo determinado de duração, nas várias localidades do país. A região ribeirinha do Velho Chico participa dessa iniciativa, buscando levar para as salas de aula o maior número de sujeitos, possibilitando a estes, redescobrirem-se através do contato direto com a leitura e a escrita, tornando possível que o seu percurso seja revisto mediante os novos conhecimentos adquiridos.

Ao participarem desses programas, o esforço feito por cada uma das mulheres ribeirinhas para tornar o sonho realidade, atravessa as barreiras trazidas pelas águas durante a navegação. O fato de serem adultas, de terem atividades paralelas ao estudo, das limitações físicas de algumas, do constrangimento que sentem por não saberem ler, embora sejam estes aspectos dificultadores, não é o bastante para impedir que elas experimentem a emoção de conhecer o mundo, de ultrapassar limites através das palavras.

Parte das mulheres inicia seu processo escolar com o propósito apenas de “assinar o nome”, assim descrevem algumas mulheres; depois percebem que aquele ambiente pode lhe proporcionar muito mais, que as relações ali constituídas são significativas e podem modificar sensivelmente a vida de todos. Aos poucos, o envolvimento com o grupo fortalece cada um, tornando mais fácil driblar os ventos que sopram e fazem com que as águas revolvam, formando grandes marolas que dificultam sua permanência na escola, mas a cada dia são vencidas com determinação e desejo por desvelar o desconhecido mundo das letras.

A leitura para estas mulheres não é mais uma historinha de conto de fadas, é fato real, palpável, melhor dizendo, decodificável e interpretável, a idéia de dar vida às palavras ao lê-las e escrevê-las permite a elas se (re)construírem no movimento elástico inaugurado com essa nova vivência, tornando seu percurso mais fluido, oportunizando o redimensionamento da relação histórica de discriminação feminina, que manteve suas identidades “congeladas”, regidas por padrões machistas, cerceando a ocupação de outros espaços sociais que não lhe imprimissem uma condição de inferior ou de submissa.

Hoje, qualquer que seja a história que seja contada sobre as mulheres ribeirinhas da região xiquexiquense, não é possível excluir o trajeto percorrido em busca de uma nova condição como pessoa, como cidadã: a de leitora. Embora o ingresso e a chegada de cada uma delas tenham acontecido de forma diferente, o percurso era compartilhado com muito entusiasmo e dedicação. Diariamente eram fortalecidas com coragem e determinação dos que já compreendiam que aquele era o caminho, que a bússola as guiava

corretamente, que era preciso segurar o leve, içar as velas e deixar o barco seguir seu curso. Atentas à formação das tempestades e buscando enfrentá-las com serenidade, prosseguiram a viagem com a certeza que logo jogariam a âncora ao fim de uma etapa e a levantariam no recomeço de outra, pois o rio segue e “navegar é preciso”.

2 ERA UMA VEZ: CONTANDO COMO A LEITURA VIRA UMA HISTÓRIA

Principalmente com a colaboração da mídia, foi mostrado por vários ângulos as mudanças ocorridas mundialmente referentes aos aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais e também tecnológicos. Pode-se dizer que as alterações provocadas pela modernidade geraram modificações em outras esferas, dando espaço a novas conquistas tecnológicas, materiais, científicas, culturais, promovendo uma diversidade de estilos e formas de ser, sem esquadrinamento, diferindo de moldes pré-estabelecidos, dando lugar a uma nova “(des)organização” social.

Nesse novo contexto social onde as transformações ocorrem de forma quase que instantâneas, “num piscar de olhos”, há uma mobilização em torno da quebra de conceito, do rompimento de paradigmas, que por muito tempo ocuparam o cenário nacional como verdades absolutas, imprimindo a alguns grupos um espaço de pouca ou quase nenhuma visibilidade, marginalizando, excluindo-os de uma participação efetiva e consciente na sociedade.

Fundamentos tradicionais e sólidos entram no caos, “tudo que é sólido desmancha no ar” [5], tudo que é sagrado é profano, as relações fixas ruem, diluem-se. Emergem, assim, nesse espaço globalizado, novos discursos: étnicos, raciais, a busca de compreensão da classe social, de gênero, de sexo, de idade, enfim, os grupos locais atravessam os mares, tornam-se presentes na esfera nacional, global, ocupam devidamente a paisagem no mundo multicultural.

Toda essa transformação exige do sujeito uma atualização constante, a tecnologia aponta outras formas de utilização da escrita, a diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente nos permite ler o mundo de forma

cada vez mais holística e crítica. Contudo, nem todos têm acesso aos bens que são historicamente produzidos, para isso é preciso mudança de valores frente à realidade e envolvimento direto na busca de novos conhecimentos e informação.

Desta forma, repensar a função e o acesso da leitura e da escrita no mundo cibernético é condição indispensável para transitar numa sociedade em que essas práticas são mediadoras dos bens produzidos - saúde, educação, transportes. No entanto, tais práticas não garantem o acesso aos bens; sendo assim, ratifica-se a necessidade de lutar pela equidade dos direitos para que se evite a segregação social.

Com isso, na tentativa de driblar a exclusão e de repensar as identidades que as constituem, as mulheres ribeirinhas são motivadas a adentrar na escola percebendo na leitura e na escrita uma oportunidade de exercer sua cidadania de forma consciente e produtiva, pois sendo a leitura uma atividade plural que se desenvolve nas várias direções, é permitido elas escolherem seu caminho e gerenciar seus novos conhecimentos.

Muitas mulheres narram em suas histórias de leitura a subida íngreme que tiveram que fazer para garantir a ocupação desse espaço negado por décadas, e que ajudou a colocar no *ranking* o analfabetismo brasileiro. Hoje, a realidade é outra, o mundo se descortinou, a tela pintada pode ser relida de diferentes formas, e cada leitura feita revela as marcas do trajeto percorrido, suas experiências de vidas são impressas e redimensionadas através do aprofundamento das práticas leitoras.

Nas entrevistas realizadas com algumas mulheres ribeirinhas encontramos histórias que mostram a diversidade no encontro com a leitura e a escrita. Destaco a fala de D. Anita, que se envolveu nos variados programas oferecidos pelo governo e, antes mesmo de concluir o primeiro grau, encontrava-se como professora e a de D. Palmira que ficou por muito tempo fora da escola.

D. Anita (57 anos): *A história da minha vida foi muito, muito complicada em termos de começar o estudo, foi o seguinte: Eu morava na zona rural e era muito difícil para eu chegar até*

a escola, o primeiro professor que eu tive na minha vida foi pago por minha mãe. Ela pagou para ele, eu já tinha 09 anos, aprendi as primeiras letras do ABC, somente as primeiras letras, aí parei de estudar por muito tempo. Nós mudamos para Ilha do Paulista, daí eu ficava da ilha para Xique-Xique durante um mês, aí eu passei para a cartilha. Depois parei também. Voltei a estudar com 12 ou 13 anos, casei muito nova, depois parei de estudar. Depois eu tive em outra escolinha e outra professora, foi quando começou o MOBRAL, daí eu cheguei à 4ª série. Mas aquela 4ª série, assim, uma semana tinha e a outra não tinha. A professora foi embora, daí eu fiquei com essa escola do MOBRAL, sendo a professora, daí ela acabou. Continuei ensinando, mas só voltei a estudar em 2000, para continuar como professora.

D. Palmira (51 anos): *Comecei a estudar com 9 anos numa escola na roça, naquele tempo era uma casa e também era paga. Parei de estudar com 12 anos porque lá não tinha mais professor, o tempo foi passando e voltei a estudar agora com 50 anos para melhorar a letra e para não ficar analfabeta.*

Os jovens e adultos, nesse caso as mulheres, têm consciência do que a escolarização representa em suas vidas e em sua comunidade, reconhecem que ser considerada como uma pessoa alfabetizada é aumentar o nível de aprendizagem e possibilitar uma maior comunicação com o mundo, dando espaço a outras conquistas futuras.

Inicialmente, o objetivo central do aprendizado é ler e escrever seu nome completo, decodificar as palavras, mas aos poucos é percebido que a leitura proporciona muito mais que isso e que, seus conhecimentos e habilidades podem ser aprimorados na efetivação dessas práticas sociais. Segundo Kleiman (1995):

O ensino da escrita na escola é orientado por uma concepção dominante de letramento (...). Práticas de letramento seriam, deste modo, práticas sociais marcadas culturalmente, nas quais a leitura e a escrita se constituem como formas de construir “conceitos, relações sociais, identidades, valores e crenças (p. 217).

Dessa forma, para que se atinja este propósito, somente a alfabetização não dará conta, é preciso ir além da decodificação do código alfabético e numérico, pois este momento deve ser tomado como início, pois não basta

aprender a ler e a escrever, mas adquirir a competência envolvendo-se em suas práticas no espaço social.

Nessa perspectiva, a leitura não deve ser entendida como produto que está pronto e acabado, mas como um processo, que se constitui de plástica, volátil, pois o texto que é apresentado ao sujeito de diferentes formas “não traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo” (KLEIMAN, 2004: 36), ao usar o seu conhecimento de mundo interage com a informação nele contida, buscando chegar a uma compreensão. Para Soares (2000):

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (p.18).

Para essas mulheres, a convivência com a leitura é uma porta aberta para o desconhecido. Assim como D. Anita que se tornou professora com a pouca, porém significativa instrução, e que buscou compartilhar esse conhecimento com os demais, compreendemos nos registros das suas histórias a importância que tem a leitura em suas vidas.

D. Anita: *Ler é a coisa importante na minha vida, na nossa vida, porque sem o estudo nós não somos ninguém, nós não somos nada na nossa vida. Quem não sabe ler é um cego. Porque antigamente você ainda dirigia alguma coisa sem saber ler, e hoje, depende de tudo, de tudo você tem que saber ler; porque quem sabe ler tem tudo na vida. Hoje até para varrer rua tem concurso e se você não souber ler você não vai fazer o concurso. Quem não sabe ler é um cego.*

D. Palmira: *A leitura é muito importante, é muito especial para mim. O fato de eu saber ler e escrever mudou muito a minha vida, porque não preciso mais pedir a ninguém para fazer um recado, agora eu faço do meu jeito.*

Nas falas que se seguiram percebemos que o encontro com a escola foi mais que o alfabetizar para essas mulheres, que o letramento se faz presente e crescente nas suas práticas e no desejo de continuidade de escolarização, possibilitando a si e ao grupo uma mudança identitária significativa. Sem dúvida, “lê-se para entender o mundo, para viver melhor” (LAJOLO, 2002: 10)

e, nessa perspectiva as águas seguem, o barco busca um novo curso e logo chegará à outra margem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário mudou e junto com ele os sujeitos. Marcadas historicamente pelas lutas em busca da ocupação de novos espaços, da equidade entre os gêneros, a mulher continua com seus propósitos de atuar na sociedade além dos ideais falocêntricos, mudando sua auto-imagem, (re)construindo suas identidades, se fortalecendo e tendo maior confiança em si.

As mulheres ribeirinhas de Xique-Xique são mais que mães, rendeiras, pescadoras, são construtoras do seu próprio conhecimento. Percebe-se em suas narrativas que o envolvimento com a educação escolar contribuiu para a sua transformação social e pessoal. Aprender a ler e a escrever foi uma das metas dessas mulheres, viver o letramento em sua intensidade é mais do que imaginavam, mas possibilita que as outras mulheres esquecidas dentro de si surjam das águas, nadem contra a maré da exclusão e encontrem na efetivação das práticas sociais uma forma de quebrar o silêncio que por muito tempo fez parte de suas vidas.

As vozes antes silenciadas pelo medo, tomadas pelo sentimento de inferioridade, ecoam rio abaixo, deixando que o tremular das águas ressoem notas musicais, que se presentificam a cada leitura feita. A leitura dá ao sujeito a oportunidade de desvendar o mundo a sua volta, de montar a sua performance diante do texto. Assim retrata D. Palmira na narrativa da sua história: *A pessoa que sabe ler fica diferente, porque aprende a falar e a escrever.*

Percorrer as trilhas das histórias de leitura das mulheres ribeirinhas nos leva a considerar os sujeitos nas suas especificidades: mulher, pertencente a camadas populares, jovens e adultas; é compreender que o processo educativo pode atuar na construção do estabelecimento das relações sociais, na equidade entre os gêneros. É preciso tornar às expectativas que levam essas mulheres a irem para escola em sentimento de renascimento, dando

oportunidade para que inaugurem novas relações com o mundo, que façam do aprendizado da leitura e da escrita uma prática constante em suas vidas, que se efetive a prática do letramento. Em fim, que ampliem o poder da leitura, sendo capazes de dar novos significados à realidade vivida, de compreenderem a multiplicidade de sentido de um texto, percebendo que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1982: 11) e que fazer esta relação é abrir a porta para o desconhecido e se permitir viajar, navegar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Lúcia Silva. Sujeitos não-alfabetizados: sujeitos de direitos, necessidades e desejos. In: SOARES, Leôncio (Org.). **Aprendendo com a diferença**: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARDITI, Benjamim. **El Reverso de La diferencia**: Identidad y Política. Ed. Nuevo Sociedad. Caracas. Marzo Del ,2000.(em imprensa)

BAUMAN, Zygmunt. **AMOR LÍQUIDO**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

FAGUNDES, Tereza C. P. Carvalho. **Mulher e Pedagogia**: um vínculo resignificado. Salvador: Helvécia, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 9. ed., 2004.

LYOTARD, Jean François. **A Condição Pós-Moderna**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Socioconstrucionismo**: discurso e identidade social. In: **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003;

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Igualdade e especificidade. In: **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

ROJO, Roxane (org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas lingüísticas. Campinas, SP: mercado de Letras, 1998.

SOARES, M. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). **Leitura: perspectivas disciplinares**. São Paulo: Ed. Ática, 2000. p. 18-29.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

1 Idéia baseada na discussão de Lyotard em A condição pós-moderna

[2] Discussão apresentada por Bauman em Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos, 2004.

[3] Tomo de empréstimo a expressão de Arditi, 2000 para reforçar que somos várias peças "contaminadas", ou seja, misturadas com os rastos uns dos outros.

[4] Xique-Xique é uma cidade situada a 585 km² da capital do estado, Salvador e têm 43 ilhas, sua maioria habitada, tendo no período de cheia do rio a migração da população de uma ilha para outra.

[5] Expressão dita por Marx e Engels no Manifesto Comunista.